

LEVANTAMENTO Estudo divulgado pela instituição indica ainda que crescimento nas vendas de hidratado foi motivado pela recomposição dos estoques

Unica aponta aumento nas vendas de etanol nas usinas

PAOLA RIBEIRO
paola@pjournal.com.br

As vendas de etanol hidratado (usado direto na bomba) registradas pelas usinas da região centro-sul no mercado brasileiro atingiram 419,85 milhões de litros na primeira quinzena de maio, aumento de 37,7% em relação ao volume comercializado nos últimos 15 dias de abril, de 304,88 milhões de litros. Os dados foram divulgados ontem pela Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar). Para o anidro (aquele misturado à gasolina), o total negociado internamente praticamente não se alterou. Foram 327,29 milhões de litros vendidos na última quinzena, contra 316,65 milhões de litros no período anterior. No acumulado da safra 2011/12 (de 1º de abril a 15 de maio), as vendas somaram 1,9 bilhão de litros, sendo 51,8 milhões de litros destinados à exportação e 1,86 bilhão de litros ao mercado doméstico.

O aumento das vendas de hidratado deve-se à recomposição dos estoques operacionais pelos agentes de comercializa-

ção e à recuperação da competitividade do produto frente à gasolina. Dados da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), referentes ao intervalo de 15 a 21 de maio, mostram que o preço médio do etanol hidratado na bomba no Estado de São Paulo ficou em R\$ 1,78 o litro, queda de 19,45% sobre a média observada há sete semanas, quando atingiu o pico de R\$ 2,21 o litro.

Entre os 25 postos de combustíveis de Piracicaba consultados pela ANP, a média do hidratado caiu de R\$ 2,134 o litro na última semana de abril (de 24 a 30) para R\$ 1,779 o litro — queda de 16,6% no período —, ao passo que a gasolina desvalorizou apenas 1,2%, de R\$ 2,809 o litro para R\$ 2,774 o litro.

Como consequência, o etanol volta a ser economicamente competitivo em relação à gasolina do tipo C, com a paridade entre os dois combustíveis ficando em 64,1% no município. Entre os Estados pesquisados, em quatro o combustível renovável retomou vantagem frente ao fóssil: Goiás, Mato Grosso, Paraná e São Paulo.

Para compensar usar etanol,

a relação não pode ultrapassar a casa de 70% em função da inferioridade do etanol em valor energético.

Para o produtor, a retração de preços foi ainda maior. De acordo com o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), entre os dias 20 e 26 de março, o litro do hidratado ao produtor paulista atingiu o teto de R\$ 1,63. Na última semana (15 a 21 de maio), porém, o valor registrado foi de R\$ 0,99 o litro, ou seja, queda de 39,26%.

ALCOOLEIRA — De acordo com o mesmo levantamento da Unica, enquanto a produção de açúcar alcançou 2,36 milhões de toneladas no acumulado desta safra, a de etanol somou 2,16 bilhões de litros. Com isso, 59,87% da cana processada destinou-se à fabricação de etanol.

Os números, segundo o diretor da entidade, Antonio de Padua Rodrigues, “mostram que as empresas continuam priorizando a produção de etanol”. “Já entramos definitivamente na safra 2011/12 e a preocupação nesse momento não é com o abastecimento, mas sim com o estabelecimento de mecanismos para que o cenário de elevada volatilidade de preços observado nesta entressafra não se repita no próximo ano”, disse.



Produtor Odair Novello confirma o bom andamento da safra e diz que já colheu 10% do previsto

Colheita segue ritmo normal

Favorecida pelo clima seco, a colheita de cana-de-açúcar da safra 2011/12 avança em ritmo satisfatório nas usinas instaladas na macrorregião de Piracicaba — que compreende 75 municípios. A informação é do presidente da Coplacana (Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo) e da Afocapi (Associação dos Fornecedores de Cana de Piracicaba), José Coral, que estima a produção em 36,5 milhões de toneladas, ligeiramente abaixo das 37 milhões de toneladas moídas na temporada 2010/11. A redução se deve à combinação de estiagem no início da colheita da safra passada, que retardou o brotamento da cana nova, e excesso de chuva de outubro para cá, que prejudicou a maturação, atrasando o início das atividades para o fim de abril.

Produtor há 50 anos, Odair Novello, 60, confirma o bom andamento da safra. “Já colhemos em torno de 10% do total estimado, número considerado normal para o período. As atividades se concentram em junho, julho e agosto”, afirmou Novello, proprietário de uma lavoura com área de 4.000 hectares localizada em Piracicaba.

Segundo ele, a remuneração obtida pela tonelada de cana vem praticamente empatando os seus custos, estimados em um intervalo de R\$ 58 a R\$ 61 a tonelada. “Os insumos estão mais caros este ano. O preço do adubo, por exemplo, subiu 30%, fora o aumento dos herbicidas, das máquinas agrícolas e da mão de obra”, destacou o produtor.

O presidente da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar),

Marcos Jank, reiterou antontem que o governo precisa criar condições para retomada de investimentos, medida que passa também por reduções no custo de produção da cana.

Ele informou que o custo agrícola das usinas avançou 38% nos últimos cinco anos. Os maiores impactos vieram da alta dos arrendamentos de terras (57%), dos gastos com mão de obra (47%) e dos custos com mecanização da colheita (28%). Para fazer frente à demanda por açúcar e etanol até 2020, o Brasil precisará construir mais 150 novas usinas e elevar em 400 milhões de toneladas a disponibilidade de cana-de-açúcar, segundo Jank. O presidente da Unica estima serem necessários investimentos da ordem de R\$ 80 bilhões nos próximos dez anos. (PR)